

A SEXUALIDADE E OS ESCOLARES DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL: ENTRE A VONTADE DE SABER E O CUIDADO DE SI

Maria Amelia Gomes de Souza Reis¹

Em nossa sociedade a sexualidade se tem esbanjado através de mecanismos e dispositivos que escapam às análises que consideram o poder apenas em sua forma única e estatal. Cabe-nos, para decifrá-los, fazer emergir em meio às correlações de forças, múltiplas e móveis, presentes em todo corpo social, os discursos de verdade sobre o sexo, não para indagar, como e porque o poder central e a dominação global necessitaram, desde no século XVIII, instituir-lhe um saber específico e, a partir daí, produzir *discursos verdadeiros*. Ao contrário, torna-se necessário problematizar sobre o jogo que envolve, historicamente, as correlações de forças, imediatas e localizadas, que são referidas ao sexo, a exemplo daquelas que se constituem em torno do corpo das crianças e adolescentes, bem como do sexo da mulher, de modo a decifrar, como diria Foucault, *a um só tempo a redescoberta exata das lutas e a memória bruta dos combates*.(Foucault,1999)

Trata-se, ainda, de compreender como toda uma rede de discursos se tornou possível historicamente e, problematizando de maneira inversa, como esses discursos servem/serviram de suporte ao conjunto de estratégias colocadas para a manutenção dos efeitos dos poderes que atuam sobre o sexo e a sexualidade, aqui e ali, agora ou quando. Deste modo, deixando-se de enfatizar o poder dominante como nuclear para percebê-lo como algo que perpassa toda rede de relações sociais, atravessando aparelhos e instituições, sem neles se localizar, compreendendo também que os núcleos e pontos de resistência² se pulverizam através dessas correlações, trazendo à cena *o outro da dominação* e com ele, os indícios e pistas para a transformação.

¹ Professora Assistente da Escola de Educação – UNIRIO e Doutoranda em Educação - UFF

² As resistências das quais, falamos, não podem ser compreendidas como aquilo que se inscreve em oposição às relações de poder instituídas, ou mesmo promessas que foram desrespeitadas, elas são o outro termo nas correlações de força existentes e, se inscrevem nestas relações como interlocutor irreduzível, segundo demonstra Foucault em suas teses.

Nesta trilha de análise vai o trabalho que ora apresento, porção de outra investigação que se constitui enquanto tese de doutoramento³, trazendo como eixo central de discussão a sexualidade dos jovens estudantes do ensino fundamental e a contrapartida da escola em sua ação educativa, esta situada sob a égide de uma vontade de saber sobre a sexualidade e o cuidado de si que nos traz a emergência de levar em consideração a subjetividade, ou seja, pensar a questão do sujeito em sua relação com o poder sobre si mesmo e com os outros.

Como preocupação e pertinente problematização, a busca das linhas de fuga a partir: dos pontos de recusa; dos lugares do outro em suas diferenças, autonomia e alteridade; dos espaços do possível, do necessário, do improvável e do inusitado, como elementos capazes de nos conduzir – alunos e professores -, revolucionariamente, a abandonar as lógicas que nos condenam ao mesmismo e às cooptações diversas.

Reconhecido o fato de que nossas sociedades ocidentais enfatizam o erotismo e os prazeres sexuais, geralmente, correlacionando-os ao medo e à feiura, à doença e a dor, acostumando-nos a vê-los - a partir de nossa (des)-educação sexual -, apenas, como elementos de negatividade e contrários a uma vida social honesta, feliz, venturosa e harmoniosa, segundo olhares não-críticos. Cabe-nos problematizar, ainda, o percurso em que se movem as várias correlações de poder e como elas vão se modificando em seu próprio exercício – reforçando elementos aqui, enfraquecendo outros ali; trocando, por vezes, o bom e o mau sexo de lugar na ordem do dia do dia de nosso fazer/pensar social, e particularizando, em nossa prática cotidiana escolar.

Partindo de supostos suscitados pelas análises e estudos foucaultianos, no campo das redes de poderes-saberes, entrelaçados aos seus movimentos de subjetivação, para entendermos os mecanismos e dispositivos socio-políticos-culturais capazes construir sujeitos sexuais que se marcam pelo cuidado de si por si mesmo, em sua relação com os outros,

³ Tese em fase final de elaboração, sob o título A (Re)Invenção Da Escola Pública: A Sexualidade E A Formação Dos Jovens Professores, orientada pela professora Dr^a Célia Linhares, UFF, Educação.

estabelecemos como campo de estudos desta matéria os 5 núcleos de adolescentes, formados por 5 escolas da 1ª CRE da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. São escolas que já levantam debates e possuem ações educativas efetivas no campo do sexual, não obstante tais práticas limitarem-se à esfera do comportamento biológico-reprodutivista e de uma moral-ecológica de bem viver.

A partir do exposto, ressalto que este trabalho de pesquisa, ainda em fase inicial, considera: (a) a interação/tensão entre as formas escolares de organização do conhecimento sobre o sexo, bem como, o abismo entre o que se ensina e o que se quer aprender sobre o tema, não obstante, as possibilidades de construção dos jovens sujeitos sexuais na assunção de riscos com vistas ao novo em sua educação; (b) as diversas e múltiplas concepções e conceitos sobre o sexo, a sexualidade e as diferenças sexuais, representadas pelos escolares, em seus discursos e, por eles, apropriados a partir de uma Educação Sexual estatal e normalizadora, fundamentada numa racionalidade que reduz a vida aos limites das possibilidades comportamentais; (c) o dispositivo saber-poder, que ao abarcar as formações discursivas e não-discursivas, confere ao estudo as possibilidades de aprender as pistas para entendermos melhor como a realidade social se organiza e a partir daí, empreender linhas de fuga a outros dispositivos e outras formas de possibilidade contra as várias formas de violência e interdições.

ENTRE A VONTADE DE SABER E O CUIDADO DE SI: OS MOVIMENTOS DA SUBJETIVIDADE A PARTIR DA EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR

Segundo as teses de Michel Foucault, a sociedade capitalista não obrigou o sexo a se calar ou a esconder-se, ao contrário o sexo é incitado a confessar-se e a manifestar-se, através de uma multiplicidade de estratégias onde proliferam discursos que nos convidam incessantemente a enunciar nossa sexualidade, utilizando para tal, instituições como a igreja, a escola, a família, o consultório médico e saberes como: a demografia, a biologia, a medicina, a psicologia, a psiquiatria, a moral e a pedagogia.

Adotando uma perspectiva epistemológica que se definia pela ruptura e descontinuidade, Foucault retoma toda episteme⁴ e todo saber sobre as práticas que se configuram historicamente como questões da atualidade a partir de problematizações sobre as práticas de sujeitamento e as instituições que as exercitam. É nesse contexto epistemológico que afirma uma *vontade de saber* sobre a sexualidade como peça fundamental das estratégias de controle disciplinar do corpo e da população.

Ouvindo os surdos clamores ressoarem das paredes da escola, atento às várias formações, discursivas e não-discursivas, ali presentes, passou a analisá-la sob o foco do dispositivo saber-poder, enquanto instituição que se marca pelo exercício de técnicas sociais que se configuram como tecnologias de poder – o corpo humano como alvo, analisável e manipulável⁵ através do aparato disciplinar que assegura sua sujeição ao impor-lhe docilidade e utilidade.

Em sua eficácia a disciplina se materializa em conceitos, normas e regras que transitam pela via dos discursos, enunciando *verdades* que se legitimam a partir da positividade das ciências e de sua representação, elaborada pelos homens.

Nessa dimensão teórica se torna possível afirmar que a sexualidade não pode ser descrita *como ímpeto selvagem por natureza e indócil por necessidade*, nem que ela se possa esgotar por um poder que fracassa ao dominá-la. Ela não é o elemento mais importante a se inscrever nas relações de poder, mas certamente será aquele dotado de maior utilidade às manobras dos operadores de dominação pois se movimenta livremente em todo corpo social: entre os homens, entre os homens e mulheres; entre educadores e alunos; entre padres e leigos; entre jovens e velhos; entre administradores e população. (Foucault, 1988:98-109)

⁴ Episteme entendida por Foucault como uma rede de formações discursivas que teriam uma certa homogeneidade em uma dada época histórica e que explicariam o significado das condições de funcionamento dessa história.

⁵ Aprofundar na leitura de Vigiar e Punir, onde Foucault analisa as transformações dos mecanismos de punição, de manipulação dos corpos até as estratégias finais de vigilância pelo olhar panóptico enquanto vigilância extremamente estruturada e interiorizada em que não mais se necessita a vigilância.

Recolocando a discussão sobre a sexualidade do escolar, após inscrevê-la nos fundamentos já descritos, podemos inferir que a chamada pedagogização do sexo da criança se pode incluir ao conjunto de estratégias relacionadas a toda uma *vontade de saber*, pois a dupla afirmação de que as crianças são naturalmente sexuadas mas impedidas de sua prática, justifica todo um aparato de adultos com seus saberes (pais, psicólogos, professores, médicos, etc) preparado para assumir o controle desse jovem sujeito em perigo e perigoso em seu sexo.

Todavia, cabe indagar: trava-se uma luta contra a sexualidade a partir do esforço para assumir seu controle? Trata-se da tentativa de regulá-la para ocultar aquilo que ela tem de indiscreto, perigoso ou pecaminoso? Pelas análises até aqui desenvolvidas, poderia afirmar que não. O que se evidencia nessas formulações é a própria construção da sexualidade, enquanto dispositivo histórico que se marca por pertencer a uma grande rede em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação dos discursos, a formação de conhecimentos, o reforço dos controle e das resistências, encadeiam-se de acordo com as operações de dominação em que estão presentes dispositivos de saber e poder. Nesta dimensão se inscreve a Educação Sexual dos escolares enquanto vontade de saber sobre o sexual e questão que se articula ao cuidado de si nos processos de construção dos sujeitos.

A preocupação de procurar aprofundar a temática da construção da subjetividade do escolar a partir da Educação Sexual que o fabrica leva-me a recuperar um outro conceito posto nos trabalhos de Foucault em sua busca pela verdade, sua tematização da noção de cuidado de si, momento em que aponta pistas para a compreensão de alguns dos movimentos em que se move a subjetividade contemporânea, e em particular, a construção das subjetividades dos escolares de nossas escolas fundamentais.

A noção de cuidado tem uma história que já aparece nos escritos de Hesíodo, na antiga Grécia. Para os estóicos e epicuristas cuidar de si é concentrar-se no presente e preocupar-se em ter uma bela existência através da prática do bem. O conceito sofre ruptura com o cristianismo, modificando-se os valores que são objeto dos desejos e cuidados, fazendo-se presentes nos exercícios espirituais, período que vai do século IV D.C. até por volta do

século XIII. O cuidado como categoria aparece com Goethe, no século XIX. Nietzsche, retoma os antigos gregos e passa a referi-lo aos cuidados da vida e à angústia da existência. É Foucault quem vai resgatar o conceito em seus trabalhos finais, utilizando-o para investigar o modo pelo qual um sujeito pode se construir enquanto tal.

Ao tratar o **cuidado de si** como uma forma de síntese entre história da subjetividade e a análise que realiza da governabilidade, expressa o conceito como o governo de si por si mesmo, em sua articulação com as relações com os outros, ou seja, Foucault cria com a noção a imagem de uma arte de viver, uma possibilidade ética⁶ e uma estética da existência.

Na construção que elabora da história da subjetividade, Foucault procura refazer os movimentos da história da verdade, percorrendo os caminhos daquilo que constitui historicamente o sujeito, e que é entendido por ele como uma história de problematizações e de práticas.

Indagando como as pessoas desenvolvem(ram) um saber específico acerca de si mesmas, o autor analisa os jogos de verdade contidos em ciências determinadas, destacando quatro tipos de tecnologias principais, cada uma delas representando uma matriz de razão prática: tecnologias de produção – *permitem produzir, transformar ou manipular coisas*; tecnologias de sistemas de sinais – *permitem utilizar signos, sentidos, símbolos e significações*; tecnologias de poder – *determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos objetivos ou dominação, consiste em uma objetivação do sujeito*; tecnologias de si – *permitem aos indivíduos relacionar-se consigo mesmos, governando seu próprio corpo, sua alma, pensamentos, conduta ou com ajuda, tendo por resultado a auto-transformação, com objetivo de alcançar certo estado de felicidade, sabedoria ou pureza.* (Eizirik: 1997)

Reconhecendo que estas tecnologias nunca operam isoladamente e que representam uma razão de ordem prática - *operam sobre e produzem e efeitos* - que resulta em aprendizagem

⁶ Ética aqui entendida como relação para consigo mesmo e trabalho de si sobre si, pensada como coextensiva à questão das relações de poder, situadas no presente. O que seria indagar: como nos constituímos como sujeitos de nossas próprias ações?

e transformações, será possível pensar uma outra natureza para a educação sexual do escolar que reconheça nos movimentos da subjetividade, não só os aspectos do possível como também aqueles que se encontram na ordem do impossível, possibilitando as lutas e os embates para que o novo possa finalmente aparecer.

A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS ESCOLARES: *Entre a ars erotica e a scientia sexualis*

Investigar as questões que se remetem ao sexual é penetrar por caminhos tortuosos e nem sempre muito seguros. Aqui uma pedra, ali uma emboscada em meio a um oceano de surpresas, desafios e novas orientações. O método semovente nos faz rodopiar entre as ondas dos saberes quanto dos não-saberes, sempre presentes. Arriscamo-nos por terrenos pouco conhecidos, sentindo a cada movimento a necessidade urgente de levantar o tapete e desvelar o que existe de concreto no solo de terra batida, ainda bruta, desse território pouco explorado no campo da pedagogia.

Formulações sobre a ética e o cuidado de si no entrelaçamento dos sentidos que envolvem a noção de vontade de saber em Foucault, nos levaram(vam) a refletir sobre a desconstrução/reconstrução de processos, detalhes, sonhos e utopias presentes em sua concepção de descontinuidade da história e da ciência, trazê-la para cá, nos desafia a refletir sobre o lugar onde a educação se encontra com o sexual, para elaborar no resgate da história das ciências o movimento da educação sexual escolar e situá-la entre a *ars erotica* e a *scientia sexualis*.

Como já anunciado, a normalização da sexualidade não pode se apartar da produção de saberes específicos – da medicina, da pedagogia, da psicologia, da demografia, da psiquiatria e da psicanálise, entre outros. Saberes e poderes que, intensificando o desejo de mais conhecer sobre o sexo, impõe-lhe lugar e regime específico de verdade a partir de uma multiplicidade e complexidade discursiva.

No Brasil, a partir do final do século XIX, as práticas discursivas da medicina social passaram a investir na difusão da idéia de *nocividade do meio familiar*, questão que vai constituir-se *como grande trunfo médico na luta pela hegemonia educativa das crianças*.

(Costa, 1983:171) A condenação das práticas familiares legitimam a intervenção dos médicos, higienistas e eugenistas que passam a prescrever aos pais e, mais tarde aos professores, comportamentos adequados ao manejo das crianças.

A escola, terreno fértil para a sementeira e difusão às famílias de comportamentos sanitários e higiênicos voltados a um conjunto de hábitos e atitudes sadias, físicas e morais adequados ao sistema político da época, torna-se alvo das preocupações do Estado e das políticas públicas que trazem por referência os ideais de civilidade e utilizabilidade produtiva. Em outras palavras, a escola que se inscreve em meio a uma rede de instituições disciplinares, além de possibilitar o aprendizado das interdições, das proibições e das punições, estabeleceu práticas de um *novo cuidado de si para si*, associado à prática da saúde, à higiene do corpo e asseio das roupas, aos modos de proceder, à pureza da alma e à nobreza do caráter. Questões que evidenciam a complexidade com que se internalizou as tecnologias de poder individualizantes. (Stephanou: 1994)

É nessa esteira do cuidado de si, da valorização do asseio e do amor próprio que se passou a intervir na educação sexual das crianças e dos jovens escolares através da observação detalhada e da classificação, constituindo-se menos em reprimir e mais ressaltar-lhes os vícios, defeitos e erros de modo a, numa ação corretiva, atingir o cerne de seu caráter e de sua alma como forjadores de futuros e autênticos cidadãos.

Não é por acaso que a Educação Sexual dos escolares vai se tornando pouco a pouco, ao longo dos anos, *reserva de mercado* da ação pedagógica dos sexólogos, que trazem por marca *scrips* associados ao controle das práticas sexuais, principalmente aquelas que têm por base o comportamento, uma forma particular da sexualidade humana.

Como afirma Vance, a sexualidade, sem atingir o *status* de especialização apropriada, continua a *refugiar-se na sexologia*, *mais hospitaleira*, mas ela própria uma *categoria médica*. Weeks argumenta criticamente ela frequentemente considera a sexualidade como derivativa da fisiologia e o corpo como supostamente universal, subtraindo-lhe sua variedade cultural e histórica.

A sexologia reúne em seu corpo profissionais de diferentes áreas que podem ser originados da medicina como da psicologia, da pedagogia ou de outras áreas e se volta para o que chamam Educação Sexual, Orientação Sexual ou, ainda, terapia sexual. Essa mescla de psicologia e educação visaria promover a reeducação do prazer sexual e da libido através de terapias e controle do orgasmo.

A medicina, segundo Corrêa (1998), não obstante a inexistência de uma especialidade médica capaz de tratar da sexualidade especificamente, vem através de seus discursos mais recentes, tentando colocar o que deve e o que não deve ser entendido sobre a rubrica sexo/sexualidade/diferenciação. Enquanto os sexólogos, relatores e consultores de propostas e projetos governamentais de ensino, se ocupam fundamentalmente do controle de categorias, tais como: número de parceiros, sexo biológico e a adoção de práticas preventivas relacionadas ao sexo/população, sexo/doença e ao sexo/orgasmo.

Birman (1998), no debate que trava entre psicanálise e as chamadas ciências sexuais, evoca Kraft-Ebing, médico-pesquisador do sexual, pai da sexologia, como aquele que transforma interditos e normas sobre a sexualidade que se constrói no Ocidente, pelo menos depois do advento do Cristianismo, em postulados científicos e morais-religiosos, identificados com a idéia de pecado e horror. A psicanálise problematiza a exigência reprodutiva da sexualidade, definindo-a a partir do erotismo e com isso, a retira do registro do comportamento alocando-a no prazer e no gozo como parte mais íntima dos movimentos de subjetivação.

Não obstante as diversas sexologias terem a pretensão de constituir a sexualidade como objeto único das ciências, característica da tradição ocidental desde o século passado, Foucault em a História de Sexualidade nos mostra a possibilidade da existência de uma *ars erótica* e não propriamente o domínio de uma *scientia sexualis*, modelada pelos cânones da biologia, da fisiologia da reprodução e da medicina da sexualidade.

A arte erótica e as ciências sexuais se constituem como dois grandes procedimentos de produção de verdades sobre o sexo. Na primeira, comum nas sociedades orientais, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência, não existe referência ao permitido ou proibido, nem mesmo a um critério de utilidade. O prazer é tido em relação a si mesmo. Sua duração e qualidade específica devem ser reverberações sentidas no corpo e na alma. Esta arte se constitui-se como um saber que deve ser secreto, não como suspeita de infâmia cometida ou despudor, mas como prazer e gozo, pois segundo a tradição se assim não fosse perderia sua eficácia e virtude.

Nossas sociedades ocidentais, como prenuncia Foucault, não parece possuir a arte erótica como a possuem os orientais. Deste lado do mundo as ciências sexuais se desenvolveram para também dizer sua verdade sobre o sexual sob a égide do saber-poder, rigorosamente em oposição à arte das iniciações e ao segredo essencial. Na Grécia *a verdade e o sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso*; o sexo servia de suporte às iniciações do conhecimento. Para nós, *é a verdade que serve de suporte ao sexo e suas manifestações, aqui o difícil saber do sexo não se liga à transmissão máxima do segredo do mestre ao discípulo, mas em torno da lenta e fecunda ascensão da confiança.*(Foucault, 1986:53-62)

Tomando como ponto de partida para essas reflexões, noções e conceitos emprestados das análises profundas de Foucault sobre o tema e, ampliando-a para nosso tempo-espaço da escola, torna-se possível compreender melhor a história da Educação Sexual dos escolares e, perceber a necessidade de investigar como e de que maneira se investe na produção e veiculação de saberes que passam a constituir cotidianamente os sujeitos. De outro modo, indagar: como se produzem os textos e discursos que sujeitam, de onde falam aqueles que dizem o que deve ser feito, e como isso, vai nos fazendo ser o que somos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explosão do desejo decorrente do amadurecimento hormonal, o agravamento do risco da gravidez indesejada, a possibilidade de contrair doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS, têm intensificado os discursos biomédicos (de sexólogos e educadores sexuais) em torno de uma sexualidade sadia, asséptica e politicamente adequada.

Estatísticas que anunciam o aumento da gravidez adolescente reelaboram a sexualidade adolescente como um problema social a ser resolvido, alimentando o medo e a exclusão como consequência negativa da atividade sexual do jovem. Transforma-se a questão em um problema de Saúde Pública e um problema de ordem moral, somente solucionado a partir da informação massificada com base na responsabilidade individual. Resposta que não dá conta da materialidade efetiva da questão.

A maioria dos programas e projetos e, mesmo pesquisas no campo da prevenção, que articulam sexo e educação definem o *sujeito sexual como aquele indivíduo capaz de ser agente regulador de sua vida sexual* (Paiva, 1996), significando na prática a preocupação com o chamado *empowerment*(“empoderamento” ou fortalecimento), que reúne em si as condições de possibilitar ao sujeito a capacidade de negociar o sexo com o parceiro de acordo com as normas vigentes; ser capaz de dizer não, negociando sexo seguro e poder dispor do acesso aos meios materiais para escolhas reprodutivas. Como vemos, a sexualidade se reduz aos cuidados na dimensão higienista e profilática, enquanto a Educação Sexual se restringe a visão estreita do bom comportamento individual para a felicidade sexual e social (também empobrecida) encontrada em um bom sexo.

O esforço de partir do chão da escola, de compreender os meandros de sua existência nos força olhar com outros olhos a realidade e, nela penetrar de corpo inteiro com a certeza a que se refere Morin (s/d) de que não existe uma essência verdadeira, pois qualquer unidade é fruto de uma complexa rede de relações em que se envolvem discursos e práticas reais de sujeitamentos/dessujeitamentos.

Na busca de *um pouco de possível, senão eu sufoco*⁷, buscamos Foucault e nele encontramos não só a denúncia severa e radical a todo tipo de aprisionamento como, também, caminhos para nos pensarmos mais incertos e duvidosos, frágeis e com relativa autonomia, desbancando de nós os soberanos que nos acostumamos a pensar.

O movimento em águas intranquílias e escuras, mas agora melhor conhecidas, nos confere maiores possibilidades de escaparmos da captura onde se travam as relações entre as técnicas, discursos e práticas que operam como instrumentos das dominações.

Problematizar os discursos e as práticas que põem em jogo as contradições presentes na relação sempre conflituosa entre o desejo e as exigências institucionais, será, certamente, encontrar as brechas para uma Educação Sexual onde a vontade de saber não seja caracterizada por uma existência lateral em que o cuidado de si se limita aos cuidados do asseio e da assepsia.

Seguir pelos caminhos onde se movimentam as subjetividades em construção dos nossos escolares, através da Educação Sexual que lhes são imposta é o desafio desta pesquisa, tendo a certeza de que, os caminhos em direção da subjetividade vão ao encontro do impossível, por isso não escapar das lutas e embates neste campo quando nascer o novo se faz urgente.

⁷ Afirmação de Deleuze para registrar o sentimento de Foucault ao retornar aos gregos e à questão da subjetividade.

.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, J..A *physis* da saúde coletiva - *Physis-Revista de Saúde Coletiva*,vol.1, nº 1. 1991 (8-11).
- _____.*Erotismo, desamparo e feminilidade: uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade. A Sexualidade nas Ciências Humanas*.Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998.
- BORGES, Sherrine Njaine.*Metamorfoses do corpo:uma pedagogia Freudiana*.Rio de Janeiro:Fiocruz,1996..
- CORRÊA. M. V. Sexo, Sexualidade e Diferença Sexual no discurso Médico: algumas reflexões. *A Sexualidade nas Ciências Humanas*.Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998.
- COSTA,J.F.*Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- EIZIRIK,M.F. Movimentos da Subjetividade.Revista *Educação, Subjetividade & Poder*. V.4(mar-dez.1997) Porto Alegre. UFRGS/ Ed. Unijuí,1997..
- FREIRE,P. *A Educação na Cidade*, São Paulo:Cortez, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar E Punir*, Petrópolis, Ed. Vozes, 6ª Ed.,1988.
- _____. *História da Sexualidade I- a vontade de saber*, trd. Albuquerque & Guilhon, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988, 7ª
- _____. *História da Sexualidade II- o uso dos prazeres*. trd. Albuquerque & Guilhon, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade III- cuidado de si*, trd.Albuquerque & Guilhom, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1ª ed., 1985.
- _____.*Microfísica Do Poder*,(org)Roberto Machado,Riode Janeiro, Ed. Graal, 1988.
- _____.*Em Defesa da Sociedade*. São Paulo:Martins Fontes, 1999.
- _____.*Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Tomo IV
- HOBBSAWM.E. *Era dos extremos: o breve século XX- 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras,1995.
- IANNI,O. *A Era do Globalismo*,Rio de Janeiro:Civilização Brasileira,1996.
- LINHARES.C.F. *Política e ética: Imagens em conflito na política educacional*.ANPEd, 17ª Reunião Anual,1994.

Formação de professores no Brasil: entre o discurso acadêmico-pedagógico e a escola fundamental

.Política de formação de professores nas novas configurações sociais.
Projeto de pesquisa.UFF. Doutorado em Educação.

PARKER,R.&BARBOSA.R.M. Sexualidades Brasileiras, Rio de Janeiro:Relume-Dumará:ABIA/UERJ/IMS, 1996.

REIS.M.AG.S. A Sexualidade, o Ensino de Ciências e Saúde na Escola Pública, pela busca do exercício da cidadania. Dissertação de Mestrado, UFF/1992.

RIBEIRO, M. (org.). Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1993.

SILVA.T.T. (org). O sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos : Petrópolis:Vozes, 1995.

VANCE, C.S. (ed.). Pleasure and danger - exploring female sexuality, London: Pandora Press, 1989.

WEEKS, J. Sexuality and its discontents, London/New York: Routledge & Keagan Paul, 1985.

23ª REUNIÃO DA ANPEd
Associação Nacional de
Pós-graduação e Pesquisa em Educação

RESUMO

TRABALHO

PÔSTER

TÍTULO : A SEXUALIDADE E OS ESCOLARES DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL: *ENTRE A VONTADE DE SABER E O CUIDADO DE SI*

NOME DO GRUPO DE TRABALHO : Educação Fundamental

Nº DO GT : Nº 13

Este trabalho, tomando por base teorias, conceitos e categorias analisadas por Michel Foucault, traz como eixo central de discussão a sexualidade dos jovens estudantes do ensino fundamental e a contrapartida da escola em sua ação educativa, esta situada no entrelaçamento de uma vontade de saber sobre a sexualidade e o cuidado de si que nos suscita a emergência de levar em consideração a construção da subjetividade. Estas formulações foucaultianas nos possibilitaram refletir com mais profundidade sobre o lugar onde a educação se encontra com o sexual e reelaborar, no resgate da história das ciências e das dominações, o movimento da educação sexual escolar para, situá-la entre a *ars erotica* e a *scientia sexualis*.